
SOBRE A IDEIA DE UMA TEOLOGIA DA NEURODIVERSIDADE: UMA LEITURA TILLICHIANA DE RUTH DUNSTER*

On the Idea of a Theology of Neurodiversity: A Tillichian Reading of Ruth Dunster

Emil Lusser**

Resumo: O texto examina a possibilidade de formular uma teologia da neurodiversidade a partir de uma releitura tillichiana da obra de Ruth M. Dunster, situando o conceito de neurodiversidade em um paradigma sociocultural que rejeita a patologização das diferenças neurológicas. Inicialmente, reconstrói-se o deslocamento teórico promovido por Judy Singer e Nick Walker, que redefinem a neurodivergência como expressão legítima da diversidade humana. Em seguida, analisa-se a proposta de Dunster, que, inspirada na teologia da cultura de Paul Tillich, desenvolve uma hermenêutica autista ateológica, segundo a qual o discurso teológico não remete a uma transcendência objetivável, mas constitui uma autorreferência simbólica realizada na cultura. Essa abordagem é estruturada por uma remitologização do autismo em três arquétipos – cegueira mental, literalidade e fascínio/obsessão –, unificados pela empatia autista. Tais elementos permitem reinterpretar categorias teológicas clássicas fora dos moldes do teísmo. Por fim, sustenta-se que a teologia da cultura pode ser reformulada como uma teologia da neurodiversidade, ao incorporar perspectivas neurodivergentes como instâncias legítimas de produção teológica.

Palavras-chave: Neurodiversidade; Teologia da cultura; Ruth Dunster; Paul Tillich; Hermenêutica autista.

Abstract: This text examines the possibility of formulating a theology of neurodiversity based on a Tillichian rereading of Ruth M. Dunster's work, situating the concept of neurodiversity within a sociocultural paradigm that rejects the pathologization of neurological differences. Initially, it reconstructs the theoretical shift promoted by Judy Singer and Nick Walker, who redefine

* Título original: Emil Lusser, "On the Idea of a Theology of Neurodiversity: A Tillichian Reading of Ruth Dunster," *Bulletin of the North American Paul Tillich Society* 50, 1/2 (2024), 27–32. Tradução do original inglês de Fábio Henrique Abreu.

** Emil Lusser é doutorando e pesquisador associado no Departamento de Teologia Sistemática e Ciência da Religião da Faculdade de Teologia Protestante da Universidade de Viena, Áustria. Sua tese de doutorado examina a conexão entre história e revelação nas obras de Adolf Schlatter, Wilhelm Lütgert e Paul Tillich. E-mail: emil.lusser@univie.ac.at. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5007-7397>.

neurodivergence as a legitimate expression of human diversity. Then, it analyzes Dunster's proposal, which, inspired by Paul Tillich's theology of culture, develops an atheological autistic hermeneutics, according to which theological discourse does not refer to an objectifiable transcendence, but constitutes a symbolic self-reference realized in culture. This approach is structured by a remythologization of autism into three archetypes – mindblindness, literalness, and fascination/obsession – unified by autistic empathy. These elements allow for a reinterpretation of classical theological categories outside the framework of theism. Finally, it is argued that the theology of culture can be reformulated as a theology of neurodiversity, by incorporating neurodivergent perspectives as legitimate instances of theological production.

Keywords: Neurodiversity; Theology of culture; Ruth Dunster; Paul Tillich; Autistic hermeneutics.

Introdução

O termo “neurodiversidade” foi introduzido pela primeira vez em meados da década de 1990 pela socióloga autista Judy Singer. Inicialmente, era visto como um complemento às categorias sociopolíticas de classe, gênero e raça.¹ Três décadas depois, essa lógica continua sendo um princípio fundamental dos estudos sobre neurodiversidade, devido ao seu alinhamento com outras categorias políticas. Consequentemente, a metodologia dos estudos sobre neurodiversidade se baseia, por exemplo, na teoria crítica da raça, na teoria queer e nos estudos feministas. Embora o trabalho pioneiro de Singer sobre neurodiversidade tenha se concentrado principalmente nas diferenças neurológicas, atualmente há uma ênfase crescente nas diferenças neurais que afetam não apenas o cérebro, mas todo o corpo. Isso é claramente ilustrado pela seguinte definição de neurodiversidade:

O conceito de neurodiversidade geralmente se refere às variações percebidas no funcionamento cognitivo, afetivo e sensorial que diferem da maioria da população em geral ou do “neurotipo predominante”, mais comumente conhecido como população “neurotípica”. [...] Aqueles que compartilham uma forma de neurodiversidade – como

1 Cf. Judy Singer, *NeuroDiversity: The Birth of an Idea* (Kindle: Kindle eBook, 2017), 34: “Os ‘neurologicamente diferentes’ representam uma nova adição às categorias políticas já conhecidas de classe, gênero e raça, e irão ampliar as perspectivas do Modelo Social da Deficiência”.

bipolaridade ou audição de vozes – podem ser referidos como uma “neurominoria”.²

É de extrema importância reconhecer que a dicotomia entre indivíduos neurotípicos e neurodivergentes não deve ser interpretada de maneira essencialista. De acordo com o psicólogo autista Nick Walker, pessoas neurotípicas são aquelas que são capazes e dispostas a se conformar aos padrões da cultura neuronormativa dominante, a fim de serem consideradas “normais” e receberem privilégios neurotípicos.³ Essa suposição está enraizada no paradigma da neurodiversidade, que, em contraste com o paradigma da patologia prevalente na medicina, assume que as diferenças neurais não são principalmente uma deficiência associada aos rótulos “doentio”, “antinatural” e “anormal”. Em vez disso, postula que essas diferenças são análogas à raça, gênero e orientação sexual e, portanto, constituem uma forma de diversidade pertencente à espécie humana.⁴ Em contraste com o conceito de neurodiversidade de Singer como uma categoria sociopolítica, Walker defende “uma mudança de paradigma cultural: uma substituição generalizada do paradigma da patologia pelo paradigma da neurodiversidade”.⁵ Ao examinar a neurodiversidade tanto de uma perspectiva sociológica quanto cultural, torna-se possível buscar a ciência, a arte e outras formas de expressão cultural com base no paradigma da neurodiversidade.

Em seu livro *The Autism of GXD: An Atheological Lovestory*, Ruth Dunster apresenta uma teologia do autismo a partir da perspectiva de uma pessoa autista. Como ela frequentemente se refere à teologia da cultura de Paul Tillich, surge a questão: até que ponto a teologia do autismo de Dunster pode ser entendida como uma evolução radical da teologia da cultura de Tillich? Este artigo explorará a resposta a essa pergunta. Na fase inicial, a hermenêutica mitológica autista de Dunster será delineada como uma metodologia para lidar com os relatórios clínicos sobre o autismo, bem como com as experiências vividas por indivíduos autistas. Isso será feito reiterando a maneira como a teologia cultural de Tillich é reinterpretada por Dunster. As ramificações da metodologia

2 Nick Chown, Hanna Bertilsdotter Rosqvist, and Anna Stenning, “Introduction,” in *Neurodiversity Studies: A Critical Paradigm*, ed. Nick Chown, Hanna Bertilsdotter Rosqvist, and Anna Stenning (London, New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2020), 1.

3 Cf. Nick Walker, “Defining Neurotypicality & Neurodivergence,” in *Neuroqueer Heresies: Notes on the Neurodiversity Paradigm, Autistic Empowerment, and Postnormal Possibilities*, ed. Nick Walker (Fort Worth, TX: Autonomous Press, 2021), 57f.

4 Cf. Walker, “Throw Away the Master’s Tools: Liberating Ourselves from the Pathology Paradigm,” 19f.

5 Walker, “Making the Shift to the Neurodiversity Paradigm,” 129.

de Dunster para sua compreensão da Trindade e seu conceito de teologia serão então demonstradas. Isso será feito por meio da apresentação dos arquétipos autistas desenvolvidos por Dunster e sua mitologização. Por fim, será apresentada uma perspectiva sobre como a teologia da cultura de Tillich poderia ser reformulada em uma teologia da neurodiversidade.

I. Fundamentos teóricos da neurodiversidade e a emergência de uma hermenêutica autista ateológica

Dunster concorda com a perspectiva de Steve Silberman, que em seu livro *Neurotribes: The Legacy of Autism, and How to Think Smarter about People Who Think Differently* (*Neurotribos: O Legado do Autismo e Como Pensar de Forma Mais Inteligente sobre Pessoas que Pensam Diferentemente*), postula que a neurodiversidade deve ser definida como “variações cognitivas que ocorrem naturalmente, com pontos fortes distintos que contribuíram para a evolução da tecnologia e da cultura, em vez de meras listas de déficits e disfunções”⁶. Nesse contexto, Dunster se esforça para retirar o autismo da narrativa patológica e, em vez disso, celebra-o como um contribuinte para visões de mundo diversas. Além disso, Dunster ecoa as reflexões de John Swinton sobre a teologia da deficiência como um meio de dar “voz teológica a pessoas e experiências que não foram levadas a sério na construção da teologia”⁷. Por analogia com a teoria das neurotribos de Silberman e a compreensão de Swinton sobre a teologia da deficiência, Dunster constrói uma ‘hermenêutica autista neurotribal’ para enriquecer a teologia por meio de uma visão autista do mundo, de Deus e dos textos. Isso é feito a partir de uma perspectiva ateísta, o que requer uma discussão mais aprofundada.

O conceito de teologia ateísta em Dunster pode ser mais eficazmente elucidado por referência à sua distinção entre autismo bom e mau. Ela afirma: “Um ‘autista bom’ abordaria uma leitura literal das Escrituras e diria: ‘mas isso é um disparate; Deus não criou o mundo em sete dias — a Terra formou-se ao longo de bilhões de anos’. Um ‘bom autista’ provavelmente se assemelharia ao que Paul Tillich chama de ‘ateu honesto’”⁸. As

6 Steve Silberman, *NeuroTribes: The Legacy of Autism and the Future of Neurodiversity* (New York: Avery, 2015), 16.

7 John Swinton, “Reflections on Autistic Love: What Does Love Look Like?,” *Practical Theology* 5, no. 3 (2012), 260.

8 Ruth M. Dunster, *The Autism of GXD: An Atheological Love Story* (Eugene/Oregon: PICKWICK Publications, 2022), 27.

reflexões de Tillich em sua coleção de sermões *The Shaking of the Foundations* fornecem o contexto subjacente para essa afirmação. Em sua obra, Tillich postula que, se a teologia faz de Deus seu objeto, ela apoia a fuga para o ateísmo, porque então é fácil para os ateus expor Deus como algo duvidoso. Tillich escreve: Pois eles estão “perfeitamente justificados em destruir tal fantasma e todas as suas qualidades fantasmagóricas”⁹. De acordo com Tillich, o ateísmo honesto é uma atitude de consciência que reconhece que Deus não é um objeto inteligível. Uma vez que Deus é concebido como um objeto de cognição, Deus se torna uma coisa entre muitas outras coisas. Enquanto o ‘autista bom’ está ciente disso — que Deus não pode ser uma coisa como as outras —, de acordo com a dissertação de Dunster, *Mindfulness of Separation: An Autistic A-Theological Hermeneutic* (Consciência da separação: uma hermenêutica autista ateológica), “um ‘autismo ruim’ é um fundamentalismo teológico que ‘leva as palavras ao pé da letra’ sem permitir qualquer necessidade de outras estratégias hermenêuticas, como uma dimensão poética do texto”¹⁰.

Nesse contexto, deve-se compreender a autocompreensão de Dunster como teóloga ateísta. Essa compreensão baseia-se na premissa de que o ateísmo “não significa a rejeição da poderosa linguagem de Deus, mas exatamente o oposto. O ateísmo de Tillich é a expressão da majestade de Deus, que é pensada além do teísmo”¹¹. Dada essa compreensão, Dunster se situa dentro de uma tradição teológica que enfatiza a transcendência de Deus. Ela designa essa orientação teológica como teologia da morte de Deus, que “certamente não é simplesmente ateísmo, mas, pelo contrário, uma resposta profundamente teológica ao secularismo”¹². Ela se percebe alinhada com (a)teólogos como Tillich, Mircea Eliade e Thomas Altizer, cujo pensamento não é secular, mas profano. A teologia da cultura de Tillich é considerada por Dunster como ‘uma resposta à ameaça’ representada pelo secularismo. Essa perspectiva afirma que a condição humana suscita consistentemente questões fundamentais, que as culturas humanas expressam por meio dos estilos predominantes de suas criações artísticas. Simultaneamente, as tradições religiosas fornecem respostas a essas questões por meio de símbolos religiosos.¹³ Consequentemente, Deus se revela simbolicamente por meio da cultura.

Altizer, que foi fortemente influenciado por Tillich, leva a ideia da morte de Deus um passo adiante e chega, na interpretação de Dunster, à afirmação de que “a arte não é

9 Paul Tillich, *The Shaking of the Foundations* (London: Penguin, 1963), 53.

10 Ruth M. Dunster, “Mindfulness of Separation: An Autistic A-Theological Hermeneutic” (2017), 12f.

11 Dunster, *Autism of GXD*, 27.

12 Dunster, *Autism of GXD*, 217.

13 Cf. Dunster, *Autism of GXD*, 217.

a questão à qual a teologia pode responder, mas a própria arte (nesta encenação específica) é o modo pelo qual o pensamento teológico opera”¹⁴. Assim, a arte não funciona como um meio de revelação divina, como acontece com Tillich, mas pode ser arte por si mesma, sem precisar de uma interpretação teológica. O que, então, significa a afirmação de que a arte, em sua encenação particular, é o modo pelo qual o pensamento teológico opera? Nesse ponto, Dunster pode ser entendido como dizendo que é na arte como arte que o funcionamento da teologia se manifesta. Quando a arte é encenada como arte, isso significa nada mais do que o fato de que ela é concebida como arte por aqueles que participam dela. Analogamente, o pensamento teológico é caracterizado pelo fato de que aparece como teologia na representação teológica. Dunster descreve um círculo hermenêutico no qual os textos são considerados textos teológicos devido à sua representação teológica por teólogos.

Para ver a cultura como uma encenação do modo de pensamento teológico, Altizer recorre à distinção entre profano e sagrado. Nesse contexto, Altizer baseia-se na distinção entre profano e sagrado, conforme descrito no livro *Myths, Dreams, and Mysteries*, de Eliade, onde se afirma que “ao imitar os atos exemplares de um deus ou de um herói mítico, ou simplesmente ao recontar suas aventuras, o homem de uma sociedade arcaica se distancia do tempo profano e magicamente reentra no Grande Tempo, o tempo sagrado”¹⁵. Em Eliade, o profano e o sagrado são entendidos como duas realidades distintas. Em contraste, Altizer os amalgama na ideia do profano sagrado, de modo que tudo é considerado sagrado e tudo é considerado profano.¹⁶ Nesse contexto, a narrativa da arte e da literatura secular se apresenta como igualmente sagrada quanto a narrativa bíblica. Se todos os textos e obras de arte são sagrados profanos, então eles funcionam de forma autônoma por causa de sua encenação; eles são, por assim dizer, para si mesmos. Diante disso, uma apropriação mútua pragmática entre o teológico e o poético, como presente no pensamento tillichiano, não poderia mais ser justificada. Em vez disso, o sagrado e o profano se encontram de tal forma que a teologia escuta silenciosamente “o poético como o discurso de seu próprio ser”¹⁷. A partir desse conceito, que Altizer denomina ‘viver dentro da metáfora’ ou ‘sagrado profano’, conclui-se que a teologia não

14 Dunster, *Autism of GXD*, 220.

15 Mircea Eliade, *Myths, Dreams and Mysteries*, trans. Philipp Mairet (New York: Harper Row, 1967), 23.

16 Cf. Thomas J.J. Altizer, “The Sacred and the Profane: A Dialectical Understanding of Christianity,” in *Radical Theology and the Death of God*, ed. Thomas J.J. Altizer and William Hamilton (Indianapolis/New York/Kansas City: The Bobbs-Merrill Company, Inc., A Subsidiary of Howard W. Sams & Co., Inc. Publishers, 1966).

17 Dunster, *Autism of GXD*, 221.

se preocupa com Deus ou com a religião em si, mas sim com a maneira como representa sua própria essência como teologia.

Em uma etapa subsequente, Dunster aplica o topos de ‘viver dentro da metáfora’ ao evento cristão, afirmando que “se é verdade que o evento cristão está encarnado no poético, isso significa que o poético não é uma metáfora para o teológico. Em vez disso, o poético-teológico simplesmente ‘é’, e não há nenhum referente teísta para a metáfora ‘transportar entre’ os dois”¹⁸. Isso é o que Dunster chama de metáfora encarnacional. Quais são as implicações disso para a interpretação dos textos? O intermediário entre o teológico e o poético não está mais disponível. Consequentemente, nenhum significado simbólico pode ser derivado das narrativas bíblicas. Em vez disso, durante o processo de leitura, o leitor se entrelaça com a narrativa, de modo que, por exemplo, “o Êxodo e a consequente peregrinação no deserto são nosso próprio sentimento de exílio, seja qual for a forma”¹⁹. O termo ‘metáfora encarnacional’ refere-se ao ato de entrar nos textos bíblicos para se tornar parte da narrativa. Esta é uma interpretação literal da Bíblia, mas não fundamentalista. O objetivo não é obter uma nova compreensão que mude a visão de mundo ou de si mesmo. Em vez disso, trata-se de reconhecer que o significado histórico ou poético do texto se torna obsoleto quando se entra no mundo textual da Bíblia. O foco está na participação no texto. É somente por meio desse processo que a Palavra pode se tornar carne e que podemos, em certo sentido, viver nas metáforas bíblicas.

À luz do contexto acima mencionado, torna-se necessário questionar a maneira como Dunster constrói sua hermenêutica, que busca “repensar a morte de Gxd como o autismo de Gxd”²⁰. A resposta a essa pergunta pode ser encontrada na seguinte afirmação: “Em nossa hermenêutica aqui (uma hermenêutica autista, uma leitura não do autismo, mas pelo autismo), estamos na verdade criando um mito. Na verdade, estamos desenvolvendo uma hermenêutica mitológica que lê a experiência clínica e vivida como se fosse um mito. Estamos buscando a possibilidade de traços autistas como arquétipos míticos”²¹. No entanto, o que significa o termo ‘mito’ no contexto de Dunster? De acordo com Eliade, os mitos são definidos como histórias que dão significado a uma cultura por meio de encenações rituais. Isso ocorre através da entrada no mundo mítico daqueles que participam do evento. Em contraste com as coisas cotidianas, a participação no mito é

18 Dunster, *Autism of GXD*, 221.

19 Dunster, *Autism of GXD*, 221.

20 Dunster, *Autism of GXD*, 216.

21 Dunster, *Autism of GXD*, 89f.

sagrada e influencia o modo de vida e a visão de mundo daqueles que entraram no mito. Eliade postula que os mitos emergem das profundezas do inconsciente e, portanto, não são construídos.²² Na mesma linha, Tillich afirma que os símbolos não são inventados, mas criados involuntariamente.²³ No entanto, Dunster segue a teoria de Altizer, segundo a qual o profano e o sagrado coincidem e tudo é sagrado e profano ao mesmo tempo. Isso permite que Dunster crie tanto mitos quanto símbolos religiosos. O resultado da remitologização do autismo e da teologia é que “podemos então ver que tipos de pensamento teológico podem incorporar verdades existenciais que o mito autista articula”²⁴. Isso será demonstrado empregando a remitologização de Dunster dos três arquétipos autistas, cegueira mental, mentalidade literal e fascínio/obsessão, bem como seu princípio unificador, a empatia autista.

II. Arquétipos autistas e remitologização teológica: estrutura e dinâmica da hermenêutica neurotribal

O primeiro arquétipo, a cegueira mental, é definido por Dunster como a dificuldade de empatizar com outras pessoas em um nível cognitivo. Essa dificuldade surge da incapacidade de “discernir o que está acontecendo na mente de outra pessoa. Sarcasmo, críticas implícitas, linguagem corporal e sinais não verbais de emoção são difíceis de perceber, pois as crenças dos outros não podem ser adivinhadas”²⁵. A hermenêutica de Dunster permite que ela interprete os achados clínicos sobre a cegueira mental de forma mitológica. No mito, a cegueira mental é revelada como a consciência da separação.²⁶ Da perspectiva ateológica de Dunster, a consciência da separação descreve a percepção autista da transcendência radical de Deus.²⁷ Com base em uma consciência absoluta da separação, a ausência de Deus é expressa como um momento-chave da teologia ateuista.

O segundo arquétipo, a literalidade, está intimamente relacionado com a cegueira mental. Descreve as dificuldades em lidar com a ambiguidade linguística. Por exemplo, expressões idiomáticas ou metáforas são entendidas literalmente porque a literalidade não

22 Cf. Mircea Eliade, *Le mythe de l'éternel retour: Archétypes et répétition* (Paris: Gallimard, 1985), 48–64.

23 Cf. Paul Tillich, “Das religiöse Symbol,” in *Ausgewählte Texte*, ed. Christian Danz, Werner Schüßler, and Erdmann Sturm (Berlin/New York: De Gruyter, 2008), 183f.

24 Dunster, *Autism of GXD*, 90.

25 Dunster, *Autism of GXD*, 41.

26 Cf. Dunster, *Autism of GXD*, 94.

27 Cf. Dunster, *Autism of GXD*, 256.

permite que vários níveis de significado coexistam.²⁸ Na obra de Dunster, a literalidade avança para a metáfora literal, que “ressuscita metáforas mortas”²⁹. A ressurreição da metáfora por meio da metáfora autista absoluta significa o mesmo que o profano sagrado de Altizer ou viver dentro da metáfora. Ao se envolver com os textos, o leitor entra em um mito encenado, que não precisa mais de interpretação, mas é simplesmente em si mesmo. A esse respeito, Dunster escreve: “O evento de Cristo em todos os seus momentos será visto como os mistérios desconcertantes da Encarnação, Crucificação, Ressurreição e Ascensão.”³⁰ A perplexidade do mistério de Cristo denota a metáfora encarnacional, ou seja, a entrada no mito bíblico como uma metáfora viva. Enquanto a atenção plena da separação aborda a consciência da ausência absoluta de Deus, a metáfora autista é usada para descrever a entrada em um mito do autismo.

O terceiro arquétipo, fascínio e obsessão, está fortemente relacionado com a natureza hipersensorial das pessoas autistas. “A sensibilidade sensorial elevada é uma característica do autismo que pode causar prazer ou angústia.”³¹ Conseqüentemente, pode surgir um fascínio por certas impressões sensoriais devido à experiência de prazer, a ponto de os autistas se expressarem como se estivessem em fusão com a sua percepção. Para ilustrar esse fenômeno, Dunster relata a experiência de uma criança autista que ficou tão cativada pela tonalidade amarela de um girassol que expressou: “Estou dentro dessa flor amarela – é o amarelo que estou dentro”³². Além das percepções sensoriais, esse fascínio também pode se manifestar no âmbito do pensamento, como evidenciado pela obsessão por dinossauros ou trens.³³ Esse fascínio particular, que pode ser observado em autistas e que também descreve a entrada no mito do autismo, é entendido por Dunster como um “senso elevado do que é; um senso de presença e imanência”³⁴. Em contraste com a consciência da separação, que descreve a ausência absoluta de Deus, o fascínio autista revela uma presença absoluta de Deus.³⁵

Todos os três arquétipos são mantidos juntos pela empatia autista, que é definida como uma empatia afetiva acima da média. No entanto, ela não consegue compreender cognitivamente por que uma contraparte tem certas emoções.³⁶ Utilizando a

28 Cf. Dunster, *Autism of GXD*, 42.

29 Dunster, *Autism of GXD*, 123.

30 Dunster, *Autism of GXD*, 124.

31 Dunster, *Autism of GXD*, 43.

32 Dunster, *Autism of GXD*, 94.

33 Cf. Dunster, *Autism of GXD*, 44f.

34 Dunster, *Autism of GXD*, 97.

35 Cf. Dunster, *Autism of GXD*, 254–257.

36 Cf. Dunster, *Autism of GXD*, 49–52.

hermenêutica mitológica neurotribal, a empatia autista pode ser entendida como amor autista, que pode ser referido como “um amor triste, sua perda de conexão cognitiva associada ao seu desejo afetivo intensificado”³⁷. Mais uma vez, é necessário referir-se ao autismo bom, que consiste precisamente em ler a Bíblia, sabendo que ela não deve ser interpretada literalmente, sendo lida por alguém que também é incapaz de ler a Bíblia de acordo com seu significado simbólico religioso. Isso está relacionado à cegueira mental e à cegueira literal. No entanto, essa perda de conexão cognitiva no caso de um autista bom é acompanhada por um desejo afetivo de, mesmo assim, entrar no mito. O amor autista representa, assim, uma consciência da impossibilidade de derivar um significado para a vida individual a partir do mito, ao mesmo tempo em que exhibe um desejo de participar da encenação teológica do mito. Para a teologia, segue-se que ela deve operar na consciência de que só pode ser teologia por si mesma.

III. Da teologia da cultura à teologia da neurodiversidade: reformulação sistemática e implicações epistemológicas

Utilizando sua hermenêutica mitológica neurotribal, Dunster constrói uma teologia do autismo a partir do ponto de vista de uma teóloga autista ateuista. Isso permite que Dunster descreva a teologia por meio de uma abordagem remitológica das narrativas clínicas e experienciais do autismo como um discurso sobre seu próprio ser. Dessa forma, ela elimina qualquer pretensão da teologia de fazer afirmações sobre uma transcendência ou conexão transcendental dos seres humanos. Dunster entende, assim, sua teologia como um desenvolvimento adicional da teologia da cultura, que já foi transformada por Altizer, mas que remonta a Tillich. Mas até que ponto a ideia original de Tillich de uma teologia da cultura ainda está presente na teologia de Dunster? Em seu discurso de 1919, *Über die Idee einer Theologie der Kultur*, Tillich define a tarefa do teólogo da cultura como “construir um sistema religioso de cultura, separando e unindo o material existente de acordo com seu princípio teológico”³⁸. À luz das observações anteriores, Dunster permaneceu fiel a essa preocupação ao usar o modelo clínico do autismo como ‘material existente’, de acordo com seu princípio teológico de remitologização, para a construção de um sistema teológico que descreve seu próprio funcionamento.

37 Dunster, *Autism of GXD*, 99.

38 Tillich, “Über die Idee einer Theologie der Kultur,” , 33.

É necessário considerar até que ponto a teologia da cultura de Tillich pode ser reformulada como uma teologia da neurodiversidade. Afinal, foi o princípio teológico de Dunster que demonstrou como o pensamento tillichiano pode ser aplicado à teologia neurodivergente. Em seu texto programático de 1919, Tillich expande sua compreensão da teologia cultural no sentido de que sua tarefa também consiste em “projetar um sistema normativo de religião a partir de um ponto de vista concreto baseado nas categorias da filosofia da religião e incorporando o ponto de vista individual na história confessional e geral da religião e na história das ideias em geral”³⁹. A explicação de Dunster pode, portanto, ser considerada uma teologia da cultura do ponto de vista autista. Uma teologia da neurodiversidade deve, portanto, se engajar em um processo de relacionar perspectivas teológicas neurodiversas (incluindo neurodivergentes e neurotípicas) entre si, a fim de manter o discurso sobre a essência da teologia.

39 Tillich, “Über die Idee einer Theologie der Kultur,” 27.

Bibliografia

Altizer, Thomas J.J. “The Sacred and the Profane: A Dialectical Understanding of Christianity.” In *Radical Theology and the Death of God*, edited by Thomas J.J. Altizer and William Hamilton, 139–55. Indianapolis/New York/Kansas City: The Bobbs-Merrill Company, Inc., A Subsidiary of Howard W. Sams & Co., Inc. Publishers, 1966.

Chown, Nick, Hanna Bertilsdotter Rosqvist, and Anna Stenning. “Introduction.” In *Neurodiversity Studies: A Critical Paradigm*, edited by Nick Chown, Hanna Bertilsdotter Rosqvist and Anna Stenning, 1–11. London, New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2020.

Dunster, Ruth M. “Mindfulness of Separation: An Autistic a-Theological Hermeneutic.” 2017.

———. *The Autism of Gxd: An Atheological Love Story*. Eugene/Oregon: PICKWICK Publications, 2022.

Eliade, Mircea. *Myths, Dreams and Mysteries*. Translated by Philipp Mairet. New York: Harper Row, 1967.

———. *Le Mythe De L'éternel Retour: Archétypes Et Répétition*. Paris: Gallimard, 1985.

Silberman, Steve. *Neurotribes: The Legacy of Autism and the Future of Neurodiversity*. New York: Avery, 2015.

Singer, Judy. *Neurodiversity: The Birth of an Idea*. Kindle: Kindle eBook, 2017.

Swinton, John. “Reflections on Autistic Love: What Does Love Look Like?”. *Practical Theology* 5, no. 3 (2012): 259–78.

Tillich, Paul. *The Shaking of the Foundations*. London: Penguin, 1963.

———. “Über die Idee einer Theologie der Kultur.” In *Ausgewählte Texte*, edited by Christian Danz, Werner Schüßler and Erdmann Sturm, 25–41. Berlin/New York: De Gruyter, 2008.

———. “Das Religiöse Symbol.” In *Ausgewählte Texte*, edited by Christian Danz, Werner Schüßler and Erdmann Sturm, 183–98. Berlin/New York: De Gruyter, 2008.

Walker, Nick. “Throw Away the Master’s Tools: Liberating Ourselves from the Pathology Paradigma.” In *Neuroqueer Heresies: Notes on the Neurodiversity Paradigm, Autistic Empowerment, and Postnormal Possibilities*, edited by Nick Walker, 16–28. Fort Worth, TX: Autonomous Press, 2021.

———. “Defining Neurotypicality & Neurodivergence.” In *Neuroqueer Heresies: Notes on the Neurodiversity Paradigm, Autistic Empowerment, and Postnormal Possibilities*, edited by Nick Walker, 56–59. Fort Worth, TX: Autonomous Press, 2021.

———. “Making the Shift to the Neurodiversity Paradigm.” In *Neuroqueer Heresies: Notes on the Neurodiversity Paradigm, Autistic Empowerment, and Postnormal Possibilities*, edited by Nick Walker, 129–31. Fort Worth, TX: Autonomous Press, 2021.